



IRISH TRANSLATORS' AND INTERPRETERS' ASSOCIATION
CUMANN AISTRITHEOIRÍ AGUS ATEANGAIRÍ NA HÉIREANN

ITIA Translation Competition for Secondary School Students 2023 Calling all budding translators!

The Irish Translators' and Interpreters' Association (ITIA) is the professional body in Ireland representing the interests of practising translators and interpreters.

The ITIA Translation Competition is now in its eighth year. It was introduced to highlight the importance of language learning and to increase awareness of the highly skilled nature of translation.

The Portuguese text for translation (see page 2 below) is an excerpt from **O elefante assassino** by Pedro Bandeira.

A prize of €100 and a certificate will be awarded for the best translation from Portuguese into English.

Please submit your translation **as a PDF** by

5 pm, Wednesday, 3 May 2023 to
competition@translatorsassociation.ie

Please read the following carefully:

- The competition is open to any student currently attending secondary school in Ireland or any student being home-schooled at this level in Ireland.
- The competition is not open to the families of members of the ITIA.
- Please include your **name, the name of your school and your school year in your email** when submitting your translation.
- While students are encouraged to do online research and to use dictionaries when translating, the use of a machine translation system such as Google Translate to produce the translation is not permitted.
- Previous winners may only enter for a language pair for which they have not won a prize.
- Winners will be announced in September 2023.
- Please address all queries to: competition@translatorsassociation.ie

.../2



IRISH TRANSLATORS' AND INTERPRETERS' ASSOCIATION
CUMANN AISTRITHEOIRÍ AGUS ATEANGAIRÍ NA HÉIREANN

Excerpt from **O elefante assassino** by Pedro Bandeira

Circo tão pobre, tão caindo aos pedaços, pouco tinha pra mostrar. A lona com tantos furos, as tábuas da arquibancada, poucas cadeiras de armar e quase nenhum futuro. O Grande Circo Romani não passava de uma tenda em trapos.

Bichos, só tinha três.

Para cuidar dos três, um menino era bastante. Menino chamado Tostão, por falta de nome melhor. Tostão, nome de dinheiro a quem não se dá valor. Tinha o leão, rabugento e mal-humorado. Uma vez por dia devorava o que lhe dessem e ficava o resto do tempo cochilando dentro da jaula. Ou tentando matar o Domador Cigano na hora do espetáculo. Pouco trabalho para Tostão. Trabalho nenhum dava a sucuri, uma cobra daquelas. Sua função era aparecer enrolada numa gorda odalisca que se requebrava molemente no picadeiro, enquanto uma música modorrenta era desafinada pela bandinha do circo. Fora dos espetáculos, a sucuri tomava seu próprio banho numa velha banheira e caçava seus próprios ratos, sem precisar da ajuda nem do Tostão nem de ninguém.

E tinha o Mil-réis, um elefante velho como uma moeda do Império. Esse sim, dava um trabalhão, pois comia um exagero e gostava de banho a toda hora. Como todos os elefantes, aliás.

Desse trabalho, porém, Tostão não se queixava. Desde que o palhaço Minhoca se fora, Mil-réis era o seu maior amigo. Amigo, companheiro e encosto. Junto ao calor duro do couro do elefante, o garoto dormia as suas noites. Já velho, o elefante não era mais sucesso e, para o Grande Circo Romani, Mil-réis valia tão pouco quanto Tostão.

Tostão cuidava do Mil-réis e pronto. Já passara o tempo em que o garoto sonhara em ser palhaço. Isso quando ele era bem pequeno, grudado nas calças largas do palhaço Minhoca. Queria por pura imitação. Mas, agora, o velho Minhoca não mais existia e a vocação do menino tinha desaparecido com o amigo.

Tostão bem se lembrava. A banda arrebetando furiosamente todo o repertório e o caixão no meio do picadeiro, cercado pelos poucos artistas do Grande Circo Romani, vestidos com suas roupas de cena como se aquele fosse mais um espetáculo.

O palhaço Minhoca também participara daquele espetáculo. Participara como em todas as outras vezes, com o terno desengonçado, a gravata descomunal, o chapéu minúsculo. Deitado, sorrindo de verdade por baixo da maquilagem, Minhoca apontava desafiadoramente o nariz vermelho para a lona esburacada que enchia de negras estrelas a noite iluminada do circo.